

humanitas

Vol. IX-X

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HYMANITAS

VOLS. VI E VII DA NOVA SÉRIE
(VOLS. IX E X DA SÉRIE CONTÍNUA)



COIMBRA
MCMLVII-VIII

O POETA QUINHENTISTA ANDRÉ FALCÃO DE RESENDE*

ESTADO ACTUAL DA QUESTÃO BIOGRÁFICA

André Falcão de Resende, nascido em 1527 e falecido em 1599, duas datas que podemos considerar definitivamente fixadas, é quase um desconhecido em nossos dias. Aqueles que se ocupam da sua vida, buscam informar-se em Diogo Barbosa Machado que dele trata, aliás com inexactidões, na sua *Bibliotheca Lusitana*; e em Inocêncio Francisco da Silva, cujo *Dicionário Bibliográfico* lhe dedica um artigo (1), mais largamente completado no *Suplemento* (2). Depois destes, o contributo mais substancial para o conhecimento de Falcão de Resende é o de Braancamp Freire, que se lhe refere na sua *Crítica e História. Estudos* (3), utilizando um manuscrito do século xix, *Resposta aos quesitos do II.^{mo} Lente de Véspera de Cânones na Universidade de Coimbra, o Sr. Simão de Cordes Brandão e At aïde*. Este manuscrito, que se encontra na Biblioteca de Évora (4), é idêntico a outro existente na Miscelânea 1488 da Biblioteca da Universidade de Coimbra e constitui parte da recolha de elementos, feita para a edição da obra de Falcão de Resende, cuja elaboração se estendeu por quase um século, sem nunca ter chegado a concluir-se. Das vicissitudes desta edição gorada e dos manuscritos do poeta, tratei, há anos, em artigo publicado na revista *Biblos* (5) da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

* Comunicação apresentada à Associação Portuguesa de Estudos Clássicos, em sessão de 6 de Maio de 1958. A numeração das poesias é a da colecção de folhas impressas em Coimbra, no século passado, e o texto também.

(1) Vol. I, pp. 60-61.

(2) Vol. VIII, p. 62.

(3) Pp. 69 e 89-91.

(4) Armário X, códice n.º 1, n.º 26, isto é, a colocação indicada por Braancamp Freire na obra atrás referida. Aí tive ocasião de consultar o ms., ainda há pouco.

(5) *Breves Notas sobre André Falcão de Resende. A edição de Coimbra e os manuscritos*, in *Biblos*, XXVII (1951), pp. 443-454.

As informações de Braancamp Freire, ou antes, do manuscrito que transcreve, baseiam-se em notas do tabelião Fernão d'Arcos, existentes no Arquivo Municipal de Évora. São, portanto, de valia incontestável. Infelizmente, nenhum dos investigadores que se ocupou de Falcão de Resende, no presente século, delas tirou partido para nos dar uma biografia mais completa do quinhentista. Aparece mencionado, uma ou outra vez, Teófilo Braga, que fala dele na sua *História da Literatura Portuguesa* (6), com a fantasia e o descuido habituais : mas Braancamp e o seu manuscrito são esquecidos.

A falta de consulta deste autor e do apógrafo de Joaquim Inácio de Freitas, ms. 1238 da Biblioteca Geral da Universidade, sobre o qual se fez a tentativa de impressão a que nos referimos, tem prejudicado seriamente os estudos mais recentes sobre André Falcão de Resende. Com efeito, Joaquim Inácio de Freitas reunira no século passado, à entrada da sua cópia manuscrita do texto de André Falcão, os documentos a este referentes que existiam no Arquivo da Universidade, com vista à publicação que nunca chegou a fazer-se. Pude cotejar as cópias com os originais do Arquivo e, feitas algumas reservas sobre o seu grau de fidelidade, admitir a vantagem da sua utilização.

Esta soma de elementos, o ms. Braancamp Freire idêntico ao n.º 1488 da Biblioteca da Universidade de Coimbra, e os registos do Arquivo da Universidade, juntamente com os resultados adquiridos em investigações pessoais, feitas ao longo de uma dúzia de anos, dão-me possibilidade de trazer hoje perante V.^{as} Ex.^{as} um esboço biográfico de André Falcão de Resende, muito mais completo do que as informações vagas e dispersas, muitas vezes ignoradas da maioria dos investigadores, que ocasionalmente têm vindo a lume, desde há mais de um século.

BIOGRAFIA

A discussão dos documentos citados, juntamente com o confronto das diferenças de pormenor entre o ms. 1488 e Braancamp Freire, reservo-os para um estudo crítico a publicar mais tarde.

Aqui, para não fatigar V.^{as} Ex.^{as}, limito-me a indicar os documentos e as informações que eles nos facultam.

(6) *II—Renascença, Porto, 1914, pp. 368-370; p. 497.*

A data do nascimento de André Falcão de Resende em 1527 é dada pelo «inventário e partilhas feito em Évora por morte de Jorge de Resende em 1547» (7). Deste inventário «consta: 1.º que os herdeiros, filhos de Jorge de Resende e de sua mulher D. Lucrecia Falcoa, cabeça de casal, eram oito, Garcia, António, Francisco, Brás, André, D. Brites, D. Filipa e D. Guiomar; 2.º, que André tinha vinte anos e por tutor seu irmão Garcia.» (7)

A mesma data de nascimento (1527) é confirmada por uma escritura de venda, datada de 3 de Outubro de 1548, constante das notas do tabelião Fernão d'Arcos, da qual António Francisco Barata (8) fez o seguinte resumo: «André, capelão fidalgo da casa do Infante D. Henrique, *sui juris*, maior de 21 anos, estudante em Coimbra, filho de Jorge de Resende que Deus haja, fidalgo da casa d'El-Rei, vende um quinhão que tinha por morte da mãe, numa herdade de Machede, por preço de 105.000 réis, outorgando o irmão Garcia.»

Portanto, com vinte anos em 1547, e vinte e um em 1548, André Falcão de Resende, ou, simplesmente, André Falcão, como era mais conhecido pelos seus contemporâneos, tinha nascido em 1527.

Aos vinte e um anos é estudante em Coimbra e vende terras, para poder estudar. É o primeiro sintoma de uma pobreza, que, através da sua obra, vemos incomodá-lo a vida inteira.

Uma outra escritura do mesmo ano, datada de 25 de Agosto e lavrada pelo tabelião Fernão d'Arcos, menciona membros da família dos Resendes, entre os quais Francisco de Resende (9) e sua mulher Filipa Bota, filha de Jorge de Resende e Lucrecia Falcoa, os pais de André Falcão. Deste modo, Filipa Bota era irmã de André Falcão de Resende, e Francisco de Resende era seu cunhado (10). A escri-

(7) Ms. 1488 da B.G.U. de Coimbra = Braancamp Freire, *Crítica e História. Estudos*, I, Lisboa, 1910, p. 90.

(8) *Última verba*, 1905, p. 15. Diferenças de pormenor em relação a Braancamp Freire, *Crítica e História*, I, pp. 90-91 = MS 1488 B.G.U. de Coimbra. As notas do tabelião Fernão d'Arcos, onde se encontra esta escritura, existem ainda hoje na Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora. Li a escritura em microfilme. Em três pontos diferentes, nela se afirma a falta de meios do escolar de Coimbra, André Falcão, e a necessidade em que se encontra de vender o seu quinhão, para poder prosseguir os estudos encetados.

(9) A. F. Barata, *Última verba*, p. 15, resume esta escritura que se encontra na Biblioteca e Arquivo de Évora, em notas do tabelião Fernão d'Arcos.

(10) E também seu primo direito, pois Jorge de Resende, pai de André Falcão, era irmão de Garcia de Resende. Cf. *O testamento de Garcia de Resende*, publicado

tura é assinada por este e por Francisco Boto, que deve ser também outro irmão de André, pois o seu figura entre os nomes dos oito filhos de Jorge de Resende e D. Lucrecia Falcoa, atrás mencionados.

A presença em Coimbra, em 1548, é ainda comprovada por uma referência explícita do *Livro 6.º dos Autos e Grados e Provas de Cursos de 1565-1568* que, a folhas 63, diz: «provou Andre falcã q no Ano de coreta oyto pouco mais ou menos veo p.^a esta Vniversidade

— *scilicet*, estava nesta Vnyversidade & bertolameo Roiz mōtey^o q disto he sua t.^a diz q neste Ano veyo andar nas escolas p q pousava o dito Andre falcã na freguesia de sã J.^o perto de Xpouã esteuez dallte (11) & outro Ano seg^{te} diz q sabe q pousou p^{to} da feyra em outras casas & o outro 3^o anno q o q sabe pousou o dito Andre fallcã cõ

pelo Dr. António Bartolomeu Gromicho (separata de *A Cidade de Évora*, n.^{os} 13-14, 1947), na p. 16 da separata; e Braancamp Freire, *Crítica e História*, I, p. 56.

(11) Francisco Leitão Ferreira, *Alphabeto dos Lentes da Insigne Universidade de Coimbra, desde 1537 em diante*. Coimbra, 1937, pp. 87-88. Aí se pode ler que Cristóvão Esteves d'Alte «foi lente d'Instituta por provisão de 16 de Nov.^o de 1550». Ainda não estava doutorado nesta altura, pois na acta do Conselho de 26 de Julho de 1553 se diz que naquele tempo fizera a sua «Repetição & exame p^{ri}uado & doctoram.^o» {*Actas dos Conselhos da Universidade de 1537 a 1557*, publicadas pelo Doutor Mário Brandão, vol. II, ii parte, p. 67.)

Deve aqui esclarecer-se que, no século xvi, *lente* era todo aquele que *lia* um curso, não sendo para isso indispensável que o *lente* fosse doutor. Simples bacharéis podiam ser lentes, como de Cosme Fernandes, um dos professores de André Falcão, se diz nas *Actas dos Conselhos*, II, ii, p. 123: « & o br. cosme ffrz q em sua absêcia fora ellejto o nō podia ser por tambe ser acabada a sua cad.^a & jaa nō ser lête».

Por isso, creio ter encontrado nas *Actas dos Conselhos da Universidade de Coimbra de 1537 a 1557*, editadas pelo Doutor Mário Brandão, II, ii, pp. 97-98, uma referência à qualidade de lente de António Ferreira: « & a substituição da cadeira do dito doutor James de moraes ha de ler o brèl ant.^o ferreira» (Acta de 15 de Dezembro de 1553); e outra na p. 222: «o brèl ant.^o frrA Começou a ler a sustituição da Cadeira do doutor James de moraes. do prençipio desta terça ate dez dias de feur^o...» (Acta de 28 de Abril de 1554.)

Como é sabido, nada se conhecia até agora de António Ferreira, como lente da Universidade de Coimbra, a não ser a referência que a esse cargo faz o seu epítáfio em latim:

*Hie Doctor iacet e Cathedra, quem iura tonantem
Mente auida audiret Bartholus, immo Solon.*

O doutoramento de António Ferreira deve colocar-se, pois, entre os anos de 1554 e 1556, visto que neste último foi nomeado desembargador da Relação de Lisboa (Casa do Cível).

xpuã mōtey^{ro} Jrmã dele t^a q pousava etã defrote do cel^{ro} da see onde esteue hūs dias ou meses & dahi tomou outras casas & sabe ele t^a q hia as escolas & tinha lyuros & era estudāte & nō se afirma ele t^a se esteue todos os Anos Jnt^{ros} mas sabe q esteue A mayor parte deles & p jsto ser tã Antigo & de tātōs Anos nō se firma nas cousas miudam^{te} pore sabe q era estudāte he hia as escolas cursar & tjnha Liuros he casa & era m^{lo} amigo de seus jrmaos he tjo & asjnna

Bertolameu roiz mōt^{ro})»

Esta declaração feita em Março de 1567, vinte anos depois da primeira estadia de André Falcão na Universidade de Coimbra, põe várias questões a que infelizmente não podemos responder.

Quem será o tio assim apresentado como alguém muito conhecido? E os irmãos? Terão sido eles também estudantes de Coimbra? Ou a referência ao tio e irmãos não implica a presença destes em Coimbra?

No Arquivo da Universidade, não há notícia de Falcões ou Resendes por essa época, que possam ter sido irmãos de André. E a pessoa mais conhecida da família era, por essa altura, o seu homónimo Mestre André de Resende, primo direito de Jorge de Resende, seu pai. Embora primo segundo de André Falcão, seria o famoso humanista tratado em família por tio? Se assim fosse — o que não é impossível (12) —, talvez tivéssemos de recuar a presença de André de Resende em Coimbra para data ainda anterior àquela que advoga Leitão Ferreira nas suas *Memórias*, a saber, Maio de 1550. Mas é provável que as reminiscências de Bartolomeu Monteiro, a vinte anos de distância, não mereçam muito crédito.

A última referência a André Falcão por esta época fui encontrá-la nas *Actas dos Conselhos da Universidade de 1537 a 1557* (13), publicadas pelo Doutor Mário Brandão.

(12) Há provas antigas de os filhos chamarem tios aos primos coirmãos de seus pais. Braancamp Freire em *Crítica e História*, I, p. 57, diz: «Sucedeu Pedro Paulo a D. Jerónima sua tia (prima com-irmã de sua mãe) na tença...» Mais antigo é o exemplo que teve a amabilidade de comunicar-me o Sr. Dr. Salvador Dias Arnaut, tirando-o de Fernão Lopes, *Primeira parte da Crónica de D. João I* (edição de Braancamp Freire, Lisboa, 1915), cap. CLXXXVII: «assi que ella era sua sobrinha da parte do padre, filha de seu primo coirmão».

Esta prática é corrente ainda hoje em Trás-os-Montes; e nos Açores também (informação do Sr. Dr. Walter de Medeiros).

(13) Vol. II, ii parte, p. 181, primeira coluna.

Aí vemos o seu nome, juntamente com o do seu amigo Cristóvão Monteiro, entre os estudantes que votaram na oposição a uma «cadeira de Instituta q foi do doctor ant.º vaz castello». A votação efectuou-se em 16 de Dezembro de 1549.

Eram essas eleições por parte dos estudantes — às quais André Falcão aludirá amargamente, anos mais tarde — ocasião de toda a espécie de abusos (14). Através delas iniciavam muitos dos mestres a sua carreira universitária e também ódios recíprocos, entre o vencedor e os preteridos, que duravam a vida inteira. Todos os argumentos eram bons para eliminar um concorrente, mesmo as denúncias de sangue judaico ou de heterodoxia religiosa; e nenhum meio era considerado indigno, desde que se tratasse de obter apoio entre os estudantes.

Depois de ter votado na companhia do seu amigo Cristóvão Monteiro, em Dezembro de 1549, como se prova pela acta da eleição, André não se encontra já entre os votantes para a oposição a outra cadeira de Instituta, realizada dois meses mais tarde, em 19 e 20 de Fevereiro de 1550. Aí se lê, todavia, o nome de Cristóvão Monteiro.

Quando em Março de 1567, em seguida a Bartolomeu Monteiro, irmão do seu colega de vinte anos antes, André Falcão declarou «pelo juramento dos Evangelhos» que ouviu três cursos completos, não se lembrando se a principiar em 1547, se em 1548, mas que estivera ainda de Outubro a Janeiro do outro ano, só há nesta declaração um ponto de referência seguro: o de que o último mês da sua permanência em Coimbra fora um Janeiro.

Como limite *ante quem* podemos colocar o ano de 1552. Com efeito, André Falcão, que declarou lembrar-se do doutoramento de Belchior Cornejo (15), como de um facto cuja data ignorava, mas ocorrido no seu tempo de Coimbra, decerto não esqueceria o famoso discurso em louvor de D. João III, pronunciado por André de Resende em 28 de Junho de 1551, no Colégio das Artes conimbricense. A presença em Dezembro de 1549, todavia, torna provável que o mês de Janeiro em que retirou de Coimbra, tenha sido o de 1550.

Os mestres de André Falcão, mencionados em 19 de Março de 1567, em declarações ao Secretário da Universidade, como regentes

(14) Cf. as actas de 5 e 6 de Outubro de 1554 in *Actas dos Conselhos da Universidade de 1537 a 1557*, publicadas pelo Doutor Mário Brandão, II, ii, pp. 234-249.

(15) Em 1 de Janeiro de 1549, segundo o respectivo verbete do Arquivo da Universidade de Coimbra.

dos cursos que frequentara à roda de 1548, são todos bem conhecidos: António Vaz Castelo, Cosme Fernandes, Azpilcueta Navarro, João de Morgovejo, Bartolomeu Filipe e Belchior Cornejo. Todos aparecem com frequência nas Actas dos Conselhos da Universidade.

De um deles, contratado por D. João III, a peso de ouro, o célebre Martim de Azpilcueta, conhecido pelo Doutor Navarro, é a mais completa sátira (16) dos costumes académicos conimbricenses, e outro, Cosme Fernandes, foi protagonista de um dos mais ruidosos escândalos de oposições (17), ocorridos nesse tempo.

Interrompido o curso universitário em Coimbra, é possível que André Falcão tenha regressado a Évora, onde em 1553 o encontramos como capelão do Cardeal-Infante D. Henrique, segundo as *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa* (VI, 632).

Tê-lo-á chamado o Cardeal, a cuja casa pertencia, a fim de prosseguir os seus estudos em Évora? Com efeito, em 1553, iniciaram os jesuítas a sua actividade docente na capital do Alentejo, e seis anos depois, em 1559, aí fundaram, com a protecção do Cardeal D. Henrique, a sua Universidade.

Ao reatar os estudos em Coimbra, em 1567, segundo registo de 30 de Abril deste ano, «provou andre falcã, p huã certedã do d^{or} Jorge SeRã Reytor da Vnyversjdade devora q tomara o grao de bachareli ê artes na dita Vnyversidade do Curso do m.^{te} m^{el} de seq^{ra}»(18).

Deste modo, André Falcão aproveitou a nova Universidade da sua terra natal, para se bacharelar em Artes. Os primeiros bacharéis em Artes, de Évora, eram discípulos do P.^c Inácio Martins, mas o M.^c Manuel de Sequeira «foi o primeiro lente de Artes que teve a Universidade» (19). Portanto, André Falcão deve ter-se bacharelado,

(16) Resumida de maneira aliciante pelo Dr. Teixeira de Carvalho in *A Universidade de Coimbra no século xvi*. — Guevara, estudo publicado inicialmente na *Revista da Universidade de Coimbra* (vols. III, IV, V) e reproduzido pelo Doutor Joaquim de Carvalho na sua edição das *Noticias Chronologicas da Universidade de Coimbra, escriptas pelo beneficiado Francisco Leitão Ferreira, Segunda Parte, volume I* (Coimbra, 1938), pp. 609 e seguintes. A parte que nos interessa vem de p.614 em diante.

(17) Aquele de que se ocupam as actas citadas na nota 14.

(18) Ver apêndice, doc. n.º II.

(18) Ver apêndice, doc. n.º II.

(19) Queiroz Vellozo, *A Universidade de Évora. Elementos para a sua História*. Lisboa, 1949, p. 133.

não muito depois de 1559, talvez em 1562. Seria um dos dezanove eborenses que nesse ano obtiveram o grau de bacharel (20).

De 7 de Agosto de 1560 é o registo de baptismo de seu filho Jorge, o que supõe o casamento de Falcão de Resende antes desse ano e depois de 1553 e, naturalmente, o abandono definitivo da carreira eclesiástica em que não devia ter proferido ainda votos inibitórios do matrimónio. Falcão de Resende continuará até o fim da vida um convicto católico.

Este registo de baptismo de Agosto de 1560 já foi usado por Braancamp Freire para provar a estadia em Évora, nessa data, do humanista André de Resende. Ao escolhê-lo para padrinho do filho, André Falcão testemunhava o seu apreço pela figura mais representativa da família, depois da morte, muitos anos antes, do cronista palaciano Garcia de Resende.

O soneto e a sátira que dedica a André de Resende merecem referência, entre outros motivos, porque provam que o L. da abreviatura do humanista era entendido como Lúcio, mesmo pelos seus familiares (21). Assim no soneto:

*Da nossa antiga Casa e geneoVgia,
Lúcio. Resende, resplendor perfeito*

E na sátira:

*Claríssimo Doutor entre os Romanos
Dos que em Parnaso mais estão no cume,
Lúcio Resende, e luz dos Lusitanos.*

(20) *Évora Ilustrada*, do P.^e Manuel Fialho, tomo 3.^o, § 229 (ms. da Biblioteca de Évora, cód. 7—*): «A todos estes lentes da Sagrada Escripura ajuntamos tambem o primeiro de Philosophia: foi elle o P.^e Manoel de Sequeira natural da Villa de Aguiar comarca de Villa Real em Tras os Montes, entrou elle com a Universidade no anno de 1559 e no anno de 1562 a 12 de Agosto deu o grau de bacharel a 54 discipulos e nelles entraram 19 naturais de Évora.»

(21) Estes dois passos foram aproveitados por D. Carolina Michaelis no seu artigo *Lucius Andreas Resendius Lusitanus*, que, aliás, encerra definitivamente a questão do valor do L. anteposto ao nome latino. Aí, ao jeito dos humanistas, L. está por Lucius, embora André de Resende não tenha recebido tal nome no baptismo, nem o use nos escritos em português. São estas as conclusões da ilustre investigadora, cujo artigo foi publicado in *Archivo Historico Portuguez*, III (1905), pp. 161-178.

Mas voltando ao registo do baptismo, aí encontramos como padrinhos do filho de André Falcão, além de André de Resende, um Manuel Mendes Correia, e como madrinhas Luisa Nunes, parteira, e Isabel de Almada. A esposa de André e mãe da criança chama-se, no registo, Leonor de Almada.

As duas senhoras de apelido Almada devem ser irmãs e a elas há referências, sob forma anagramática, quer nos versos enviados por André Falcão a Heitor da Silveira, então na índia, quer nas respostas, em verso também, deste a André Falcão. Os versos de Heitor da Silveira dirigidos a André encontram-se juntamente com os do amigo, e na epígrafe da Epístola I, Heitor é conhecido por seu cunhado.

Da leitura das composições de um e outro conclui-se que D. Leonor é Norélia, esposa de André Falcão, e D. Isabel decerto a Belisa com quem era casado Heitor da Silveira. Deste modo, os dois poetas eram possivelmente concunhados e não cunhados, como se diz na epígrafe já citada.

As duas irmãs, casadas com poetas pobres, devem ter sido cultas e prendadas. As dificuldades económicas de Heitor da Silveira na índia são bem conhecidas, pelos versos de Camões. Quanto a Norélia, a mulher de André Falcão, além de amiga de versos e leituras — como adiante veremos —, era, segundo o testemunho do cunhado, formosa também. Isto, se os elogios de Heitor da Silveira não são lugares-comuns da poesia do tempo.

O casal abundava mais em consolações do espírito do que em bens de raiz. Na Sátira VIII, a Heitor da Silveira, que estava na índia, o poeta escreveu:

*Mas se do Céu tal bem se me concede,
Que saiba eu contentar-me em minha sorte,
E dos males mundanos perca a sede:
Que em recíproco amor minha consorte,
Minha doce Norélia e eu vivamos,
Que mal me pode vir, que eu não suporte?*

Esta Sátira VIII deve datar dos primeiros tempos do casamento do poeta, assim como a *Reposta de Heitor da Silveira a André Falcão* a que pertencem estes versos:

*Vós, ledos, satisfeito, vós, atado
Com aquele amor puro de vossa alma,
Da vida de cá andais longe e afastado.
Que alegre estará sempre e pura essa alma,
Toda entregue a Norélia, à qual só dando
Cada hora da vida os triunfo e palma!*

(vs. 61-66)

E Heitor da Silveira lamenta a vida de quem

*Não se vê na amada companhia
De Belisa, amor doce, por quem vivo
E por quem vejo a morte cada dia.*

(vs. 82-84)

Posterior a esta troca de correspondência em verso, é certamente a já mencionada *Epístola I. A Heitor da Silveira seu cunhado, estando na índia*. Depois de considerações sobre os malefícios das riquezas mal empregues, e de recordar a vida calma do amigo na metrópole, bem mais feliz que no torvelinho da índia, André lembra-lhe:

*Quem a cubiça hidrópica não doma,
Tão pobre em fim, da pobre Sovereira
Será, sendo senhor, como de Roma.*

(vs. 106-108)

E alguns versos adiante traça-nos o quadro familiar, senão feliz, pelo menos conformado, do seu viver modesto. Asmelhores palavras vão para a esposa:

*A sparta que alcancei de Deus contudo,
Minha consorte, digo, amo e acompanho:
Com ela falo, leio, escrevo, estudo.
Nenhuns trabalhos há, nem mal tamanho,
Que aqeste amor recíproco nos vençam,
Comum nos sendo tudo, e nada estranho.*

(vs. 136-141)

O final da *Epístola* refere sentidamente a morte de filhos, desaparecidos na infância. Na *Sátira ao Doutor Mestre Lúcio André*

de Resende, há também idênticas lamentações, em especial pela moite de um filho, talvez Jorge, de quem o humanista fora padrinho.

Da *Reposta de Heitor da Silveira, pelos consoantes*, ficamos a saber que os heróis da epopeia do Oriente muitas vezes procediam como o Gama diz em Camões, partindo

*Sem o despedimento costumado
Que, posto que é de amor usança boa,
A quem se aparta ou fica, mais magoa.*

(*Os Lusíadas*, IV, 93)

Assim partiu para a Índia Heitor da Silveira que, na *Reposta* a André Falcão, invocando a esposa ausente, conta saudoso:

— *Ó certo norte meu, luz clara e guia,
Belisa da minha alma — em vão clamava:
Jurava, amigo André, ora que a via.
Belisa, amor, Belisa, mal cuidava,
Quando de vós fugi quase voando,
Que vinha o mal voando, e câ o achava!
Parti-me sem vos ver, assi enganando
A dura saudade bem guardada,
Que inda ora, mais que então, estou chorando.*

(vs. 160-168)

Da pobreza, logo nos primeiros tempos de casado, deixou André Falcão outros testemunhos na sua obra, cuja leitura aqui omito. Os factos que conhecemos por via notarial confirmam essa pobreza.

Um documento já publicado por Braancamp Freire (22) que o tirou da mesma fonte do ms. 1488 de Coimbra, onde também se encontra, informa-nos da venda que André Falcão e sua mulher D. Leonor de Almada fazem de «uma vinha sita em Valbom» a Honório (Honophrio, segundo o ms. 1488) Rosado e sua mulher Joana Calada, em 18 de Janeiro de 1563 (notas do tabelião Fernão d'Arcos).

Três anos mais tarde; em 13 de Dezembro (23), já o poeta se encontrava de novo a frequentar a Univ. de Coimbra, aos trinta e nove anos de idade, agora para se formar em Cânones.

(22) *Crítica e História I*, p. 91.

(23) Cf. Apêndice, doc. n.º III.

O curso, segundo o regulamento vigente ao tempo, devia durar oito anos para obtenção do grau de licenciado, mas Falcão de Resende conseguiu que lhe contassem três anos da sua primeira frequência da Universidade, à roda de 1548; e, graças a uma provisão real, levaram-lhe em conta mais um curso de Direito, por ser bacharel em Artes. Deste modo, com quatro anos de frequência, restavam-lhe outros quatro para o grau de licenciado.

Existem no Arquivo da Universidade de Coimbra os registos dos passos sucessivos de André Falcão de Resende a caminho da licenciatura que concluiu em 19 de Novembro de 1570, depois de ter obtido o grau de bacharel em Cânones, a 20 de Julho de 1569. Residiu ainda em Coimbra, talvez para perfazer o tempo dos Estatutos, até 14 de Fevereiro de 1571, segundo declaração feita perante o Secretário da Universidade, António da Silva.

Estava, portanto, André Falcão em Coimbra, quando D. Sebastião aí foi de visita à Universidade, ficando na cidade do Mondego, de 13 de Outubro até o fim do mês.

A Universidade celebrou um Conselho, a 3 de Outubro de 1570, «sobre a vinda del Rey noso Sôr». Foi com alguma satisfação que na respectiva acta, publicada por Simões de Castro (24), encontrei inespereadamente o nome do bacharel André Falcão, na qualidade de conselheiro.

Temos um relato pormenorizado da visita do jovem soberano em outra acta do Conselho, redigida, como a anterior, pelo Secretário da Universidade, António da Silva. Pobre Secretário! Com que tristeza teria cumprido o dever de compor uma descrição tão circunstanciada dessa visita real em que se malograram as suas mais caras esperanças! Aquele hábito de Cristo que ele pediu solenemente a D. Sebastião e o rei deixou ao arbítrio de Martim Gonçalves da Câmara que secamente o negou ao dorido Secretário! Tudo isto ele nos conta miudamente na acta da recepção ao soberano.

A Universidade esperou Dom Sebastião em São Martinho do Bispo e daí veio em luzido cortejo a cavalo, os doutores com suas insígnias vistosas, até o Paço das Escolas. Logo no encontro em São Mar-

(24) Em *Notas acerca da vinda e estadia de El-Rei Dom Sebastião em Coimbra*, publicadas no *Boletim bibliográfico da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, VI, pp. 277-322.

tinho, nos arredores de Coimbra, o Reitor apresentou os membros da comitiva universitária. Na lista dos apresentados lá vemos o nosso poeta, desta vez com o nome completo de André Falcão de Resende, decerto para recordar o seu parentesco com o Doutor André de Resende que no ano anterior saudara, em nome da cidade, a El-Rei, na sua entrada solene em Évora.

Apresentados ao soberano foram ainda, entre outros, Lopo Soares de Albergaria e D. Francisco de Meneses, ambos destinatários de poesias de André Falcão, que se encontram no ms. conimbricense.

Durante a estadia de D. Sebastião em Coimbra, de 13 a 30 de Outubro, D. Francisco de Meneses sustentou conclusões de Teologia, e o Reitor, D. Jerónimo de Meneses, recebeu as insígnias doutorais, assistindo o Rei a estes dois acontecimentos académicos.

André Falcão residiu em Coimbra, como já referimos, até meados de Fevereiro do ano de 1571, pelo menos. Todavia, no fim deste ano, entre 25 de Novembro e 23 de Dezembro, deve ter encontrado o Cardeal Alexandrino, Frei Miguel Bonelli, que viera a Portugal em missão oficial da Santa Sé. O poeta dedica-lhe um soneto cumprimentador, com versos alternadamente em português e em italiano, e uma oitava de idêntica textura a Alexandre Riario, membro da sua comitiva. O encontro deu-se, ou em Lisboa, para onde a embaixada se dirigia, ou em Évora, por onde passou. É mais natural que Falcão de Resende tenha encontrado o Cardeal Alexandrino e Riario em Évora, onde então residia André de Resende que sabemos ter convivido com um dos membros (25) da embaixada, na passagem desta pela cidade alentejana. Aí ser-lhe-ia decerto mais fácil o encontro com as altas personagens visitantes, do que na corte.

À roda de 1572, possivelmente, foi escrita a *Sátira II, a Luís de Camões*, na qual «reprende aos que, desprezando os doutos, gastam o seu com truhães». Com efeito, há nesta composição sinais evidentes do conhecimento de *Os Lusíadas* e das circunstâncias difíceis em que vivia Camões. O espírito da Sátira, sobre um tema caro a André Falcão, o do mau uso das riquezas nas mãos dos desprezadores da cultura, pode sintetizar-se nestes versos:

(25) Chamava-se Mateus Contarello, cf. *Notícias da Vida de André de Resende, publicadas, anotadas e aditadas por Anselmo Braancamp Freire*. Lisboa, 1916, p. 105.

*Ande o pobre poeta um doudo feito,
Mendicando o comer e os consoantes,
Compondo seus poemas sem proveito.
Bem tenho eu (diz o vil) por mais galantes
Os truães e chocarreiros com guitarras
Que aplazem aos reis, aos príncipes e aos infantes.
Estes, alegres, com c'roas de parras
Festejam Baco e Ceres todo o ano,
E o prazer têm seguro a quatro amarras.
Nunca lhes falta o pão, o calçado e o pano.
Seja um doudo, é Dom Félix, Dom Briando,
E, bem que parvo, e ciceroniano.*

(vs. 40-51)

Quase ao terminar, o poeta parece aludir às queixas de Camões, no final do canto V, e aconselha-o a fazer chegar a sua voz «àquele tão afável real ouvido». Os louvores a Camões ocorrem ainda na Écloga única que possuímos. Aí, falando do pastor Liso, o poeta diz dele que

*Cantou os Portugueses e altos feitos
Dos seus compatriotas esforçados,
Por terra e mar caminhos nunca feitos:
Novos climas e mares navegados,
Ilhas, rios e costas, promontórios,
Novos reinos por eles conquistados.*

(vs. 272-277)

*E o que deles cantou, ver desejando,
Seus incansáveis passos d'alta fama
Seguiu, viu e pisou, tudo passando.*

(vs. 281-283)

Falcão de Resende, cuja admiração por Camões não conta muitos paralelos na sua época, parece-me que não tem sido devidamente utilizado para documentar a pobreza do épico, à data da publicação de *Os Lusíadas*.

Em 1574, na *Epístola V, a D. Francisco de Meneses* que fora seu contemporâneo na Universidade e tinha uma biografia escolar de

estudante serôdio, parecida com a sua, o poeta surge-nos a repousar algures no campo, duma profunda melancolia que caracteriza assim:

*Malenconia é mal, que segue aquilo
De que foge e se aparta a outra gente.
Os lugares contrários a ter gosto,
Nesses sente algum gosto, se o sente.*

(vs. 89-92)

Tiiste e desgostoso, longe do bulício da cidade, o poeta louva o sossego em que o seu espírito repousa e as musas lhe acodem mais facilmente, e contrasta-o com o de uma terra, cujo nome oculta, onde os doutores carregados de semblante, os estudantes ociosos e maldizentes, os opositores à busca de votos, as disputas nas ruas, o badalar dos sinos, tudo parece descrever Coimbra, a agitada Coimbra do século XVI!

O poeta fala do seu desterro:

*Onde me vim meter de puro triste,
D'enfadado de línguas venenosas,
De cansado de ver sempre paredes,
E falsas cortesias de estudantes.*

(vs. 40-43)

*Aqui, nascendo o sol, logo visita
Com raio amigo a minha pobre casa,
Enchendo-a de luz e de quentura,
E a que me levante, me convida.
Levanto-me coberto de raposas
E dum feltrudo bérneo, que me é vida.
Assento-me à janela com descuido
A ouvir dos ruisenhois as alvoradas.
Não passa pela rua o carregado
Doutor, pra que lhe tire a carapuça,
E lhe faça a forçada cortesia.
Não passa o escolar que se vá rindo
Da peliça ou do bérneo, e murmurando,
Tendo depois que diga ao soalheiro,*

*Quando, cercado doutros tais como ele,
Desenfardelam pragas e mentiras. (26)*
*Não me vem visitar o meu amigo,
Que, com mostras d'amor, fingidas todas,
Me peça larga conta da comprida
Doença, que depois julga a sua arte:
Nem ouço da vizinha desbocada
Sobre a magra galinha, que lhe furtam,
As públicas disputas e pelejas
E o aque-del-rei que se levanta:
Nem me entram pela porta opositores
A pedir minha ajuda, que é bem fraca,
E que lhes busque votos de parentes,
Que é cousa para mim mui enfadonha;
Porque, se lhos pedis, prometem largo,
E depois, ao votar, mentem todos.*

(vs. 104-133)

E o poeta refere seguidamente as preocupações nacionais, a quatro anos de distância da catástrofe de Alcácer-Quibir:

*Não sei novas da corte, que inquietam:
Nem se é casado el-rei; ou se aparelha
Armada contra Mouros, ou Africanos;
Se está em Almeirim, se vai, se torna;
Se vem embaixador de estranho reino;
Quem governa, quem manda, ou que se fala
Da privança do bispo de Miranda,
Do seu pregar na corte soltamente.*

(vs. 134-141)

(26) Os mesmos reparos na *Comédia Eufrosina* de Jorge Ferreira de Vasconcelos (ed. de Eugenio Asensio, Madrid, 1951):

«ANDRADE. — Diz verdade, e afee que lhe hey medo, porque sam tantos e tam ouciosos, que nam ha cousa que se lhes pare: inda qu'eles todo seu trato he sobre comer feyto.» (pp. 89-90)

«EUPHROSINA. — Como aquella dos pantufos vem apontada, parece molher solteyra.

SILVIA. — He a do nosso çapateiro, e dizemhe com hum estudante seu vezinho, pode ser que sera mentira, que mal pecado nam vierão elles fazer outra cousa aa terra se não defamarem muy tas.» (pp. 261-262)

E mais adiante, nova alusão à Coimbra do seu tempo, com os sinos e os relógios dos seus numerosos colégios, igrejas e conventos:

*Que não há cá, senhor, outros relógios
De quantos essa terra tem sobejos,
E tantos sinos, que perpétuamente
Vos estão martelando na cabeça.*

(vs. 151-154)

Dois anos depois desta epístola em verso solto, datada quase ao terminar de

*Hoje três por andar de Fevereiro
Da era de setenta juntos quatro,*

(vs. 195-196)

foi o poeta nomeado para o lugar de juiz de fora de Torres Vedras. Era senhora da vila a Infanta D. Maria, e talvez para a escolha tenha contribuído a qualidade de poeta — aliás não há uma única peça em honra da culta princesa, na obra que até nós chegou —, ou ainda a influência da recordação de Mestre André de Resende, já falecido, que fora um dos panegiristas da Infanta.

A nomeação deve ser posterior a 30 de Outubro de 1576 (27), data em que ainda estava ao serviço o seu antecessor. Possuímos o documento de confirmação do lugar por el-Rei D. Sebastião, datado de 11 de Dezembro de 1577, com instruções precisas sobre o pagamento dos dias que vão de 9 de Outubro em que, segundo o documento (28), falecera a princesa, até à data deste provimento, em nome do soberano. O juiz de fora mantinha o vencimento anterior, a saber, quarenta mil réis anuais.

(27) Ocupava então o lugar Diogo de Macedo d'Albuquerque, segundo Manuel Agostinho Madeira Torres, *Descrição histórica e económica da villa e termo de Torres Vedras. Segunda edição, acrescentada com algumas notas dos Editores.* Coimbra, 1862, p. 215.

(28) Cf. Apêndice, doc. n.º XIII. O dia 9 de Outubro parece também o indicado pelo *Memorial de Pêro Roiz Soares*, publicado pelo Doutor Lopes de Almeida, Coimbra, 1953.

Todavia, Pêro Roiz Soares não é muito claro: «Ao outro dia q foi a quartafr.^a 9 doutubro de 1577 — deu a alma a Ds a hua ora depois da m.^a noute e a quinta a noute logo seguinte a leuaraõ a sepultar...» (cap. 37, p. 89). Os Autores modernos colocam geralmente a morte da Infante em 10 de Outubro.

Deste período deve ser a *Sátira IV, a Jerónimo Corte-Real, em que reprende a má pobreza dos pobres avarentos*. Aí, a referência ao seu ofício de juiz de fora e lugar onde o exerce, juntamente com algumas das suas atribuições, parecem aproximar esta sátira da aventura guerreira de 1578:

*Que eu, por não mendicar, e lançar pedras
A gente, rendido à fortuna e fado,
Lides julgo e componho em Torres Vedras.
Mal respondido aqui, mal despachado,
Desvalido de amigos e senhores;
Remo já velho um remo tão pesado.
Também ordeno e ajunto os atambores
Dos sátiros silvanos pera a guerra,
E outras ocupações tenho maiores,
Que me impedem lograr do fim da terra
Ora a vista do mar igual e clara,
Ora o rigor da verde e fria serra.*

(vs. 184-195)

Talvez pouco posterior a 1580 é a *Sátira VI, a António de Resende, seu irmão, morador na índia*. A data conclui-se dos versos 127 e seguintes que dão informações também sobre os irmãos de André Falcão, nove e não sete, como teimava Braancamp Freire. O facto de serem oito os filhos, quando morreram os progenitores Jorge de Resende e Lucrecia Falcoa, não exclui de modo algum o terem sido dez os filhos do casal. Apenas significa que, na altura do inventário e partilhas, dois já tinham falecido.

Escrevendo a António de Resende que vivia na índia, André diz-lhe :

*Irmão, dos cinquenta anos já passámos
Dous, que inda temos vida trabalhosa,
De dez, que em boa família nos criámos.
Em Évora, cidade populosa,
Nascemos dez em rica e nobre casa,
Numa conversação doce e amorosa.*

(vs. 127-132)

O tom é agora bem diferente daquele em que se exprimia, aos dezoito anos, quando foi editada postumamente a *Crónica del-Rei*

D. João II de Garcia de Resende, pelos cuidados de Jorge de Resende, irmão de Garcia e pai de André Falcão. Aí, entre louvores ao Rei, que lembram certas rimas de Fernando Pessoa, na sua versão do Adamastor, sente-se a vibração do orgulho familiar dos Resendes, pela posição e pela obra de Garcia:

À Crónica del-Rei D. João o II, que fez Garcia de Resende:

*Heróicos feitos e saber profundo,
Virtudes, condição, primor, costume,
Vida e morte declara este volume
Do Lusitano Rei, D. João o Segundo:*

*Segundo em nome, e a ninguém segundo
Em fama, tão subida em alto cume,
Que, apesar do tempo, que consume
Toda a cousa, será claro no mundo.*

*Não consentiu perder-se tal memória
Garcia de Resende em seu polido
E doce estilo, e verdadeira história:*

*Que a seu Rei e a sua pátria agradecido,
Dando-lhe digna fama e imortal glória,
A si a deu e fez seu nome esclarecido.*

Agora, é um homem desiludido e cansado, cujas preocupações económicas o tornam um crítico severo dos desregramentos do tempo. Ao ler os seus versos em que o tema da áurea mediania horaciana aparece transformado no da *segura pobreza*, a pobreza sem cuidados, e tratado com toda a argumentação do canonista e do pensador católico que debate longamente sobre a legitimidade da riqueza, o bom uso dos talentos confiados a cada um pela Divina Providência, o materialismo da época, o seu desprezo pelos valores espirituais, ao ler os versos de André Falcão que chegaram até nós, quase todos de época tardia da sua vida, uma certa tristeza nos invade. Compreendemos melhor como no ambiente de 1580 que a sua obra tão bem reflecte, nesta melancolia do entardecer da vida de um homem, que é também a da morte de uma pátria, compreendemos como não era possível

resistir, na sede de ouro dos homens de então, ao ouro e benesses que de Espanha corriam das mãos de Filipe II.

Poucos tiveram a coragem de mostrar independência. Ligado à nobreza por laços de família, de amizade e dependência económica, o juiz de fora de Torres Vedras seguiu o caminho do alcaide da vila e seu amigo, o nobre D. Martinho Soares, tão convicto partidário de Castela, que, mais tarde, em 1589, quando o Prior do Crato, recém-desembarcado em Portugal, procurou a adesão de Torres Vedras, viu contra si a vila, por vontade do alcaide.

Na obra de André Falcão, seleccionada provavelmente para a tipografia, nos últimos anos da sua vida, aparecem composições dedicadas a muitos partidários da nova ordem: desde o soneto à morte da quarta mulher de Filipe II, ocorrida em 26 de Outubro de 1580, até os que dedica à Infanta Isabel Clara Eugénia, filha predilecta do rei espanhol, ao Príncipe Alberto, antes cardeal e posteriormente marido de sua prima Isabel Clara Eugénia, e a figuras menores, portuguesas e espanholas, da situação filipina, a começar em Cristóvão de Moura, a quem dedica uma epístola sentenciosa e de bom conselho.

Em 1581, André Falcão compôs um romance de sabor popular sobre a entrada de Filipe de Espanha, em Lisboa, a 29 de Junho desse mesmo ano. A sua musa, que nunca fora muito inspirada, cumpria o dever protocolar de recomendar-se ao novo monarca em monótona cadeia de versos de redondilha maior, contra a qual protesta com brio o meu amigo Doutor José Maria Viqueira num estudo publicado recentemente em *Biblos*(29), com o título de *El Romancero, vínculo hispano-lusitano*. A sua falta de «colorido y alborozo», defeitos que lhe encontra o meu colega espanhol, não são grande mácula, em tal assunto, para os leitores portugueses. O Dr. José Maria Viqueira não conhecia o autor do romance, pois recolhera-o do *Romanceiro* de Teófilo Braga, que não se dera ao trabalho de indicar a fonte (30). Este e outros romances espanhóis de André Falcão, já publicados por Garcia

(29) Vol. XXX (1955), p. 315 e segs.

(30) Deve ter esta sido a obra citada em (31). Na Biblioteca de Évora, encontra-se uma cópia desta mesma composição, que apresenta variantes em relação ao texto do ms. conimbricense. A cota do ms. eborense é cód. d. Devo₁₃ a informação e a possibilidade de ter consultado o texto à gentileza do Sr. Dr. Adriano Nobre de Gusmão, director proficientíssimo da bem organizada Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora.

Peres (31), podem ter aproveitável valor documental, como há muito foi reconhecido, nomeadamente por Menéndez Pelayo (32).

Anos mais tarde, à semelhança do seu poderoso amigo D. Martinho Soares, que teve de ir à corte espanhola defender os seus direitos, também André Falcão tomou o caminho de Madrid, possivelmente para tratar de melhoria de estado, como parece deduzir-se da *Epístola II, que a um amigo mandou, estando na corte de Madrid* (vs. 119 e seguintes). Como quer que seja, Madrid não lhe agradou e ainda menos os costumes das madrilenas, o seu despejo, as suas pinturas, a sua falta de recato. Não só na Epístola referida, mas em quatro sonetos (33), exprime as suas opiniões de moralista escandalizado. Dos sonetos à capital espanhola, um em quatro línguas, chama logo no primeiro verso a Madrid

Filia Babylonis, misera, iniqua,

(Son. LXIII)

quase nos mesmos termos em que outro se refere a Isabel de Inglaterra:

Misera filha vã de Babilónia.

(Son. LX)

Esta viagem à corte de Filipe II de Espanha deve ter-se efectuado em 1587, pois no verso 105 da Epístola II, o Autor declara-se sexagenário. Por outro lado, segundo o que diz nos primeiros versos, em Madrid passou a maior parte do ano, regressando possivelmente no outono (34). Em 25 de Janeiro de 1588, todavia, já se encontrava em Lisboa, quando na Igreja de São Roque, dos Jesuítas, onde ainda estão

(31) *Catálogo razonado biográfico y bibliográfico de los autores portugueses que escribiéron en castellano* por D. Domingo García Peres, Madrid, 1890, pp. 174-179. O volume III do *Romanceiro Geral* Portugal de Teófilo Braga, de onde o Doutor Viqueira extraiu o *Romance*, é de 1909.

(32) Fidelino de Figueiredo, *Cartas de Menéndez Pelayo a Garda Peres*, p. 24: «Recibo su grata del 18, juntamente con el romance de Andrés Falcão de Resende... El romance es una relación histórica de la mayor curiosidad é importancia.»

(33) Sonetos LXIII, LXIV, LXV, LXXXII.

(34) *Parti de lá no inverno, e em tempo frió;*

E cheguei no verão a aquesta corte,

Onde, no outono entrando, passo o estio. (vs. 7-9).

Verão tem neste passo, como é frequente na época e geralmente se verifica em Falcão de Resende, o sentido de *primavera*.

hoje, foram recebidas as relíquias de numerosos santos e mártires que o cisma protestante punha em risco, por quase toda a Europa. Com efeito, vemo-lo colaborar com oitavas e sonetos, em companhia de outros poetas contemporâneos, nomeadamente Pêro de Andrade Caminha, Diogo Bernardes, Luís Franco, Gaspar Freire, Manuel de Campos, o Lic.^{do} Fernão Rodrigues Lobo, etc., na *Relaçam do solene recebimento que se fez 'em Lisboa às Santas Relíquias que se levaram à Igreja de Sam Roque da Companhia de Iesu aos XXV de Janeiro de 1588*, livro publicado por um dos colaboradores, o Lic.^{do} Manuel de Campos.

A viagem a Madrid em 1587, a sua presença em Lisboa em 1588, juntamente com a notícia de que, em 4 de Fevereiro de 1586, o juiz de fora de Torres Vedras era já outro (35), deixam supor que, à roda de 1585, André Falcão de Resende já tinha novo cargo. Por outro lado, na *Carta q. o Autor escreveo a hum seu Amigo em que conta auinda dos Ingrees a Lix.^a com dom Antonio Prior do Cr ato, no ano de mil e quinhētos e oytenta enoue annos*, André Falcão parece acompanhar as forças militares em operações que se desenrolam entre Torres Vedras e Lisboa.

É natural que já então fosse ouvidor, cargo hierárquicamente superior ao de juiz de fora, como a si próprio se chama no *Romance do sucesso da Armada que foi às Ilhas Terceiras, no anno de 1591* (36):

*Y del tercio Lusitano
El Auditor también iva.
Que en tan honrosa jornada
Su vejez no le impedia,
Y su hijo Luís Falcon
Que es d'aquesta compañía.*

A este Luís Falcão aqui mencionado, encontramos referência nos epigramas latinos do final do ms. 1238. Ai chora seu pai a morte prematura do filho. Tanto a carta em prosa, aliás incompleta no ms. 1239, como o Romance de 1591 tratam da luta contra forças estrangeiras ao serviço de D. Antonio, Prior do Crato. Nem um nem outro texto nos apresentam Falcão de Resende em luta contra compatriotas.

Os ingleses que em 1589 desembarcam da armada sob o comando

(35) Madeira Torres, *opus laudatum*, p. 215.

(36) Garcia Peres, *opus laudatum*, pp. 190-202.

de Francis Drake e tomam Torres Vedras, dirigem-se a Lisboa e acabam por embarcar em Cascais, por falta de apoio da população, mormente da nobreza e forças militares. Através da *Carta q o Autor escreueo a hum seu Amigo*, é fácil ver como os postos importantes, bem guarnecidos e armados, estavam nas mãos de comandantes e de forças castelhanas, como os próprios contactos hostis dos portugueses com os ingleses, fora das vistas dos capitães espanhóis, eram cuidadosamente evitados por estes. E André Falcão, com sincera franqueza, deplora o comportamento da soldadesca espanhola que pilhava quanto via, em contraste com os ingleses que só apresavam mantimentos e bebiam um pouco demais o bom vinho que já então havia em abundância à roda de Torres Vedras. Também nas penas aplicadas aos portugueses que se bandearam com as forças inglesas ou cuja atitude se tornou suspeita aos castelhanos, André Falcão, pela maneira como a respeito deles se exprime, parece não ter tido parte.

Quanto à expedição aos Açores, é ela apresentada sempre como uma luta contra ingleses e heréticos — as forças de Thomas Howard e Richarte Campoverde (37) que, ao largo dos Açores, aguardavam as naus da índia para as saquear.

As últimas referências que encontramos ao poeta são pouco posteriores. Quatro anos depois, em 1595, Falcão de Resende obtém a sua aposentação. O alvará respectivo encontra-se entre os da chancelaria de D. Filipe II, na Torre do Tombo (38):

«Eu el Rey ... auendo respeito a mujta ydade e jndesposiçã e calidade de Andre falcaõ de Resende que foy juiz de fora da uilla de torres uedras Ej per bem de o apousentar com quorêta mil reais de teça cadanno em sua uida os quaes comecara a uencer, de dezassete dias do mes de out.^o deste anno presête de quinhêtos nouêta e simquo em diante ...»
O alvará é datado de 8 de Novembro de 1595.

E finalmente o epílogo, documentado pelo ms. 1239 com a *Elegia feita pelo Autor sobre o mal da peste, que havia na cidade de Lisboa, onde ele estava no ano de 1599; da qual peste ele morreu. E foi a derradeira obra que compôs.*

*Como está triste e só, qual pobre aldeia,
Lisboa, populosa e grã cidade,
De rica e alegre gente que era cheia!*

(37) Assim designados no *Romance*.

(38) Ver no Apêndice, doc. n.º XIV.

*Ah! quem a viu coa sua prosperidade,
 Tanta copia de bens, e a vê agora
 De males em tão crua tempestade!
 De mil cidades outras já senhora,
 De bons reis e senhores possuída,
 E de vassalos reis possuidora:
 Quem a pode ver ora perseguida
 De tão pestífera e vil pobreza,
 E dos seus ricos por imiga havida?
 Seu desemparo e dor, sua tristeza
 Lamentam pobres sós, e sós padecem:
 Fugiu dela o poder e a vã riqueza.
 Ah! poderosos reis, que mais crescem
 Lá no alto Céu riquezas, semeadas
 Para necessitados, que perecem,
 Que sem proveito juntas, mal guardadas
 Com avarenta mão, e má cobiça,
 E com subida perda câ deixadas!*

(vs. 1-21)

Segue-se o habitual desenvolvimento do tema da riqueza justa, a que serve ao bem comum. Esse tema é, como já tive ocasião de dizer, uma verdadeira obsessão do poeta.

E a elegia prossegue:

*De pobres multidão de porta em porta
 Por ruas e por arcos jaz morrendo
 À fome, ao frio, ou jaz de todo morta.
 Famélicos e nus estão gemendo,
 Rompendo o céu, meninos inocentes,
 Os que mais podem, não lhes socorrendo.
 Sem pais, sem mães, amigos, nem parentes,
 Sem mão ajudadora cá na terra,
 Dá-lha Deus lá no Céu, lá os tem contentes.
 Mas que idade não chora tão cruel guerra?
 Que pobre acha socorro, que lhe valha?
 Quem val ao vivo? ou quem o morto enterra?
 Sem sepultura jazem, sem mortalha,
 As terras, céus e ares anojando.
 Tão mal provê provida vil canalha!*

*Que o bom Rei e o bom Prelado dando
 Com mui liberal mão acorro a tudo,
 Tudo os bons senadores ministrando,
 Os prevaricadores maus contudo,
 Mal a mal acrescentam, sem temerem
 A morte, que consume o povo rudo.
 Roubos, insultos e homicídios ferem
 Corpos e almas de muitos, que a má vida,
 Tão morta, antes que a vida eternal, querem.
 Tão triste está Lisboa, tão oprimida
 D'interiores imigos e exteriores,
 E de poucos amigos socorrida!*

(vs. 43-69)

E o poeta termina, pedindo a Deus, se não pelos fracos méritos dos pecadores, antes pela intercessão dos santos e da Virgem Santíssima, a misericórdia divina para o povo de Lisboa.

Assim morreu, na peste grande de 1599, André Falcão de Resende.

É difícil fazer um exacto juízo do valor poético da sua obra em verso, enquanto não possuímos, como já tive ocasião de escrever, ao menos os manuscritos existentes no século passado. Deles só conheço o paradeiro do mais completo, o de Tomé Felgueiras, existente na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Este apógrafo, que lá tem o n.º 1239, é muito defeituoso e não pode sobre ele apenas fazer-se uma edição segura das obras do poeta.

Publicada até hoje regularmente só foi a *Microcosmografia e descrição do Pequeno Mundo que é o Homem*, poema anatómico e filosófico magistralmente estudado, no seu conteúdo anátomo-fisiológico, pelo Prof. Luís de Pina (39). É a obra mais conhecida de Falcão de Resende, por ter andado durante muito tempo impressa como da autoria de Camões.

Das restantes, foram no século XIX ocasionalmente publicadas

(39) *A cultura anatómica em Portugal no século XVI e a «Microcosmografia» de André Falcão de Resende*, separata de *O Instituto*, vol. 107, Coimbra, 1946. A última reimpressão da *Microcosmografia* pertence a J. Flório de Oliveira na revista *A Cidade de Évora*, 17-18 (1949) e seguintes. Infelizmente, tanto a introdução como o comentário de J. Flório de Oliveira nada adiantam.

algumas peças no jornal *O Interessante (AO)* e na revista coimbrã *O Instituto* (41). Da tentativa de edição feita em Coimbra 110 século passado, de que restam 480 páginas impressas, já em outra altura (42) escrevi com pormenor.

Pessoalmente, Falcão de Resende interessa-me como tradutor quinhentista de Horácio: aquele que maior número de peças do Venu-sino traduziu em verso, por vezes com rara felicidade.

Como poeta original, é discutível o seu mérito. Não é, de facto, um grande poeta, mas conhecê-lo parece-me, se não indispensável, ao menos muito importante para se fazer uma ideia exacta do ambiente nacional, nas vésperas da perda da independência. Em época de tão fundas preocupações sociais como a nossa, não será este um dos motivos menores da sua actualidade.

AMÉRICO DA COSTA RAMALHO

(40) *Jornal de instrução e recreio*, 1836, vol. III, pp. 90-92, 121-123, 153-154, 177-178.

(41) N.º 12, pp. 85 e segs., 109 e segs., 135 e segs., 156 e segs., 181 e segs., 206 e segs.; n.º 27, 396 e segs.; n.º 28, pp. 78 e segs.; n.º 31, pp. 477 e segs.

(42) Cf. nota (5).

PEQUENA ANTOLOGIA DE ANDRÉ FALCÃO DE RESENDE

CRÍTICA SOCIAL (1)

Formado escassamente está no ventre O miserável embrio, primeiro Que desta vida nas misérias entre.	50
Já tem ao filho o pai interesseiro Pera a navegação do Averno fundo Feita a matalotagem e o roteiro.	
Nasce o filho primeiro e o segundo, Nasce o terceiro e quarto, nasce o quinto: A Deus não dá nenhum; todos ao mundo:	55
Porque dos bens da terra só faminto, Quanto mais deles tem, mais se amofina, Pois não gozou os vasos de Corinto.	60
E assim mandar ordena um filho à China, Instruto e chatim já na mercancia, Nos resgates das ilhas, Guiné e Mina;	
Inábil na cristã filosofia, Porque o pai cego o tendo por afronta, Diz que qualquer fradinho isto sabia:	65
Mas contador experto em caixa e conta, Sabe comprar barato e vender caro, Que pera sua cobiça isto é o que monta.	
E já se embarca, e é só seu norte e faro Sempre o negro interesse, e nele a proa, Deixa atrás pátria, o pai, e o amigo caro.	70
Já o mar bravo, aos mimos de Lisboa, À vida e alma antepondo a fazenda, Dobrando cabos, climas, chega a Goa.	75

(1) Estes versos pertencem à *Sátira III, a Diogo Bernardes: Louvando a vida religiosa; e reprende os que se desvelam, buscando o proveito temporal. Para aqueles que sintam a tentação de ver aqui mais um caso de erasmismo, vem a propósito lembrar que Falcão de Resende se revela em toda a sua obra um convicto católico.*

Tira seu fato e faz taverna e venda; Trampeia, engana, troca, jura, mente, Como um boforinheiro enfim põe tenda: E em que redobre o resto, e que acrescente Sempre ao cabedal, mais se desvela Por navegar os mares de Oriente.	80
Tenta outra vez Neptuno, dando à vela, Costeia rios, ilhas, enseadas, Faz viagem à China, até dar nela. Compra na veniaga as mais prezadas Mercadorias; e as que traz, vendendo, Nas embracações torna carregadas. Mas co dinheiro o amor dele crescendo, Faz a cobiça que inda em vão forceja As medidas lhe encher, fundo não tendo.	90
Enfastia avareza tão sobeja; A fortuna e o tempo conjurada Levantam sobre as ondas má peleja. Sopra o tufão com fúria costumada, Ergue e mistura o mar com as areias. De quanto achando vai, não deixa nada. Os galeões, navios e naus cheias D'ouro, de prata, seda e gente avara Ao fundo vão do reino das sereias.	95
Desce, e perde-se assi a fazenda cara E o afogado senhor dela ao profundo, Que até o Cocito negro enfim não pára. A morte deste avisa ao irmão segundo Que a pé enxuto siga, e não do Oceano, Um caminho mais certo e mais jucundo;	100
Um caminho direito, que Ulpiano, Cévola e outros fizeram, e, ainda escuro, Com outros o abriu mais Justiniano. Dão sentença final, que é mais seguro (Ou seja enfim direito, ou seja torto)	105
Baldo e Jazão seguir que Palinuro: Que este, no mar, da gávea caiu morto; Essoutros de cadeira em dia claro Levaram seus navios a bom porto.	110

E por isso a este filho o pai avaro 115
 Quer que em leis se agradeue, até ser nelas
 Das buíras e das trampas casa e amparo.
 Estuda mais que Cepola Cautelas,
 Só *de pane lucrando* escreve e trata,
 Refaz demandas mil, sem desfazê-las. 120
 Intento sempre a ajuntar ouro ou prata,
 Morre enfim mal e pobre este trampista,
 Que nunca de ser rico a sede mata.
 Ao irmão terceiro o pai faz canonista,
 Dos falsos; e por mais te honrar, Mafoma, 125
 Depois de em contas ser fino algorista,
 À prática mandá-lo assenta a Roma,
 Que as decisões da Rota e a Cúria veja,
 E faça de conluios grande soma;
 E por manha ou dinheiro, inda que seja 130
 Como Simão, que a graça compra e vende,
 Trabalhe de adquirir dos bens da Igreja.
 E eis o coitado em Roma, e eis só que entende
 Em reservas, regressos, benefícios,
 E neles rico e visto ser pretende, 135
 Não seguindo os bons passos e exercícios,
 Que há na cidade cheia d'ossos santos,
 Profana o bom, do mau imita os vícios.
 Não nota quantos mártires, e quantos
 Santíssimos Pontífices cobriram 140
 O sacro chão co sangue e com seus mantos:
 Quão justas e sãs leis instituíram,
 Que exemplos e doutrinas nos deixaram
 Na santa terra, donde ao Céu subiram:
 Quanto a pobreza humilde sempre amaram, 145
 Quão bem gastaram a lícita riqueza,
 Quanto em tudo a cristã regra guardaram;
 Fugiram a insaciável avareza,
 Que este mau simoníaco seguia,
 Té se afogar no lago da tristeza: 150
 Porque cego na falsa simonia,
 Sobre demandas, que sobre isto tinha,
 Outros como ele, o matam mal um dia.

- A cobiça do pai, que, como tinha,
 Aos filhos na cabeça se pegava, 155
 Ao quarto e ao quinto ao mau fim encaminha.
 Diz que segura a vida assim lhes dava,
 Sem ver o triste que era dar-lhes morte,
 E quão mal da perpétua os guardava.
 E aos dous menores dá por melhor sorte, 160
 Que a seu rei soldo e moradia vençam
 Ora na corte, ora na armada coorte;
 Mandando-lhe sob pena de sua bênção,
 Que o seu despendam só como onzeneiros,
 Que, se uma moeda dão, dez descompensam : 165
 Deixem o primor d'honra aos cavaleiros,
 Deixem armas e o ferro, tratem d'ouro,
 Que este os fará fidalgos verdadeiros.
 Cada um destes avaros, como um mouro, 170
 Vida e tesouro faz até a sepultura,
 Sem fazer o cristão e bom tesouro:
 Tesouro, que descansa, e sempre dura,
 Que das necessidades da jornada,
 E dos ladrões, que há nela, nos segura:
 Tesouro de que vai bem concertada, 175
 Ornada e rica a companhia leda,
 Pera as bodas do esposo convidada.
 Triste pois quem mais sobe, dá mor queda,
 Pera ir ao centro, e o ouro cá lhe fica,
 Em que um e outro herdeiro seu se enreda: 180
 E a olhos tapados faz a casa rica,
 Qual besta de atafona trabalhando,
 Que o pão pera outrem mói e multiplica.

ALGUMAS VERSÕES DE HORÁCIO

ODE XI DO LIVRO I:

Não queiras saber quando
Terão fim, ó Leucótoe, nossas vidas,
Por números contando
E babilónias sortes proibidas
Quais hão de ser, se curtas, se compridas;

Se o escuro lago Averno
Havemos de ir passar, se tarde ou cedo,
Se neste hórrido inverno,
Que quebra o mar no duro e alto rochedo,
E seu rigor nos põe espanto e medo.

Será melhor aviso
O são vinho gastar e a vã esperança
Da vida em festa e riso:
E pois que a idade e o tempo faz mudança,
Logra o presente e no porvir não cansa.

ODE XXXI DO LIVRO I:

Que pedir deve a Apolo o sábio poeta
Em santos sacrifícios?
Não que de posse o meta
De cargos vãos e de trienais ofícios,
De fértil terra e grossa
De gado e pão, onde ser rico possa;

Onde nada lhe falte em calma e em frio,
Tudo avondosamente
Lhe corra, a fonte, o rio,
A crescer veja a pranta, a erva, a semente,
E o escondido tesouro
Com marfim, prata, perlas, âmbar, ouro.

Quem da fortuna tantos bens alcança,
Cultive-os, não sossegue,
Canse onde outrem descansa;
E o mercador no incerto mar navegue,
Crendo que a Deus contenta,
Por escapar por vezes da tormenta.

A mi a chicória, a malva, a azeitona
Me bastam, e não o custoso.
Ó filho de Latona,
Isto me dá, e haver-me-ei por ditoso
Com juízo e virtude
N'aima, e no velho corpo com saúde.

ODE XXXIV DO LIVRO I:

Na religião errado
E na enganosa seita d'Epicuro,
Torno desenganado,
E volto a proa a porto mais seguro,
Que a clara razão guia em mar escuro.

A luz, que ver obriga
A opinião verdadeira e sã doutrina,
Fazem que em tudo a siga,
Vendo que a providência alta e divina
Tudo rege, governa e determina:

Que Júpiter tonante
A máquina do mundo abraça e move,
E com sua mão possante
Os céus, infernos, terra e mar comove,
E com raios, trovões em claro ar chove;

Trastorna d'alto a baixo,
Se quer, tudo, e levanta em suma altura
Ao mais ínfimo e baixo:
Dum tira alegre dita e boa ventura,
E noutra a põe, e em nenhum muito dura.

ODE X DO LIVRO II:

Terás, Licínio, vida mais segura,
Nem sempre o mar cursando
Na mais profunda altura;
Nem dele as bravas ondas receando,
Muito à costa chegado,
Navegando com mais risco e cuidado.

Quem ama a boa e sã mediania,
E a santa temperança,
Nem na casa vazia
De fato, e cheia d'imundícias cansa,
Nem noutra rica e ornada
Descansará, de muitos invejada.

Mais vezes com mor ímpeto sacode
O vento nas trespostas
Ao mor pinheiro, e o pode
Derribar, e altas torres no alto postas;
E com furioso lume
O raio das montanhas fere o cume.

O sóbrio peito armado d'equidade
Não sói confiar-se
Na vã prosperidade,
E em tempo adverso espera melhorar-se:
Ora Júpiter move
A tempestuosa chuva, ora não chove.

Nem sempre um vento mau e contrário venta,
Nem a desventura,
Que tanto ora atormenta,
Pera sempre importuna e irosa dura:
Que Apoio uma hora canta
Coa cítara, e nem sempre co arco espanta.

Nas cousas mais penosas e apertadas
 Mostrar-te-ás animoso;
 E nas mais sossegadas
 Apercebido sempre e cauteloso,
 Estando em todas elas
 Com o olho e mão nas estendidas velas.

ODE XVIII DI LIVRO II:

Não tem meu aposento
 D'índio marfim, e de resplandecente
 Ouro o madeiramento:
 Nem colunas de mármore luzente,
 Lá na África arrancadas,
 Sustêm as traves áticas lavradas;

Nem, como interesseiro,
 Do rico Átalo, rei d'Ásia, o tesouro
 Herdei, sem ser herdeiro:
 Nem de púrpura fina e telas d'ouro
 Dos lacónios teares
 Me vestem meus luzidos familiares:

Mas verdade e fê tenho,
 Que me fazem lembrar quanto a Deus devo,
 E algum hábil engenho,
 Com que em ócio, quieto leio e escrevo:
 Pobre, nisto ocupado,
 Sem buscar ricos, sou deles buscado.

Não canso a Deus e ao esp'rito
 Por ter mais, e por ser rico avondoso;
 Nem peço e solícito
 Mercês me faça o amigo poderoso,
 Já das que me tem feito,
 Cos meus sabinos campos satisfeito.

Segue um dia a outro dia,
E pera enfim minguar, a lua cresce:
Tu, pronto em granjearia,
Teu sepulcro e final dia te esquece;
Ajuntas e edificas,
E fazes e desfazes casas ricas,

Sem saber quem logrará-lo
Poderá: e ainda o insano mar coas praias
Trabalhas em puxá-lo
Que alagar alheia terra em Baias,
Nunca farto e contente
Com tanta terra tua continente.

E até os marcos vizinhos
Arrancas, usurpando o campo alheio,
E herança aos pobrezinhos,
Que oprimiste com força, e sem receio:
E como jamais domas
A avareza, inda aos teus o seu lhe tomas.

Vão-se assim desterrados
Os tristes, sem fazenda e sem amigo;
Levam cos despejados
Mulher, filhos, aos seus deuses consigo:
Tu ficas dissipando
A casa pobre, e a tua acrescentando.

Que contudo outra casa
Mais certa nunca tens, que a triste e escura
Da sepultura rasa,
Que dá a quem vive, a morte escassa e dura,
Por mais rico que seja
E não há quem pera isto se proveja.

Que mais buscas? que trazes
A tua alma imortal mal ocupada?
Que imaginas? que fazes?
Se ela te foi por Deus pera os Céus dada,
E o corpo pera a terra,
Que igual e pouca ao rico e ao pobre encerra

Nem o infernal barqueiro
Tornou Prometeu astuto à humana vida
Por rogo, ou por dinheiro;
Lá tem Tântalo preso, lá oprimida
A toda sua linhagem,
Que peita nunca o move, ou algũa linguagem.

E posto que ouve ao nobre,
Quer lhe bradem, quer não, ouvir parece
Também, se o chama o pobre,
Quando a vida cansada lhe aborrece:
E enfim param na morte
O rico, o pobre, o velho, e o moço forte.

ODE II DO LIVRO III:

Aprenda a suportar com fortaleza,
Bem criado na guerra,
O moço nobre a estreita e boa pobreza,
Que de virtude armado em mar e em terra,
De pé ou de cavalo,
Saiba ao Parto oprimir, saiba domá-lo.

Fragueiro, ao campo e ao vento costumado,
E em trabalhos sofrido,
Dos inimigos muros seja olhado,
E da casada e da donzela havido
Por outro Marte horrendo,
Que com temor por ele estém dizendo:

Ah! meu esposo e rei, mas pouco esperto
Na guerra, ah! não se fie
Em seu juvenil ânimo inda incerto,
Que a batalha provoque e desafie
Aquele leão forte,
Que com cruenta mão dá a tantos morte.

Pela pátria morrer é cousa honrosa:
E a morte enfim persegue
Aos que mais fogem; e a estes mais irosa,
E ao covardo, não deixa que sossegue;
E na hórrida revolta
Não perdoa a quem rosto e costas volta.

Virtude, que não sofre abatimento,
Ao bem só claro aspira;
Nem vãos ofícios quer e honras de vento,
Que o baixo povo e vil os dá e os tira:
Virtude os Céus abertos
Tem aos que vão por bons caminhos certos

E aos que vivendo, imortais ser merecem,
E heróicos e altos feitos
Cometem sem temor; e que aborrecem
Baixezas, e da terra os vis proveitos;
Que procedem sem medo,
E em honra e em cousas dela têm segredo.

E quem guardá-lo, onde convém, não sabe,
Comigo em casa amiga
Não soffro que entre, e nem em barca cabe.
Ao bom co mau às vezes Deus castiga;
E pé ante pé alcança
A quem peca, e não chora, alta vingança.

ODE X DO LIVRO IV:

A fugitiva idade
Que ora te alegra, e a todos desengana,
Quando a flor te murchar da mocidade,
Ó Ligurino, e tua graça insana,
E os teus crespos cabelos
D'ouro, te fizer já de prata vê-los:

Dirás, vendo-te ao espelho:
Oh! esquivia condição, que em moço tinha,
Porque agora não tenho, cego e velho?
E a esta errada e vã vontade minha
Já que o poder se esconde,
Porque a figura à vida não responde?

SÁTIRA IX DO LIVRO I:

Lá pela Via Sagrada
Indo acaso eu meditando,
Cousa de mim costumada,
Em algumas ocupando
A vista e alma cansada:
Um pesado sensabor,
Sem termos conversação,
Diante se me vem pôr;
E sem causa e sem primor,
Com força me aperta a mão.

E diz-me: «Ó amigo doce,
Que vai?» Digo: «Bem; e sou
Vosso»: bem que nada o fosse.
Dou a andar; ele aferrou,
De mim querendo mais posse.
E diz mais: «Sabeis de mi
Ser douto e grão cortesão?»
«E eu tanto mais vosso assi.»
Quisera asas ter ali:
Mais alargo o passo em vão.

Ora ele, em mim aferrado,
Não deixa de importunar-me ;
E eu, meio morto, e suado,
Finjo à orelha falar-me
Cousa importante um criado.
E comigo só dizia:
Ó Bolão, doudo, e ditoso
Em dizer quanto queria!
Eu, sem porquê, preso ia;
Ele, solto e palavroso.

Mas, gabando-me a cidade,
Os bairros e o lugar,
A tanta importunidade
Vendo meu seco calar,
Diz: «Já vos sei a vontade:
Quereis-vos escapular
De mi; mas é por demais,
Porque convosco hei-de ir:
Como sombra vos seguir
Quero, em que não queirais.»

«Vou longe (disse eu, mas frio)
A ver quem não conheceis,
Às hortas além do rio:
Cansareis e cansar-me-eis.»
«Que eu não canse, de mi fio.
Ocioso ora me achei:
Ir convosco é bom conselho.»
Vencido então me calei:
E as orelhas abaixei,
Como cansado asno velho.

E ele então: «Mereço certo
Terdes-me não por contrário,
Mas por amigo experto,
Muito mais que a Visco e a Vário;
E tal sou ao longe e ao perto.

E mais, quem mais que eu, nem tanto,
Sabe o bom verso compor?
Quem tão depressa e tanto?
E com bom dançar, melhor
Que o mesmo Hermogenes canto.»

Aqui, já que à mão me vinha
Falar eu, lhe perguntei,
Se mãe, se parentes tinha.
Disse-me: «Já os enterrei
Numa sepultura minha.»
Digo eu: «Bem-aventurado
Quem já te não ouve, nem vê!
E a mi, sobre importunado,
Com ver-te e ouvir-te forçado,
Que triste morte se dê.

Mas mata-me: cumprir-se-á
O fado, em que me fadou
A velha sabela já,
E o que me prognosticou,
Mais de corenta anos há.»
Disse ela: «Este há de morrer
Não com ferro, nem peçonha,
Nem com febre aguda ter:
Mas sua morte há-de ser
Uma pessoa enfadonha.

Isto assim se lhe protesta:
Que d'enfados se guarde
Mais que duma fera besta.»
Mas ia já sendo tarde,
Chegando ao templo de Vesta.
Mas ao importuno pesado
Acaso ali lhe lembrou
Que o tinha um homem citado:
Que seria condenado
Quem na audiência faltou.

Isto o inquietando então,
Me rogou: «Por vida vossa,
Vamos ambos dar razão
No auditório, que não possa,
Por não ir, perder a acção.»
Respondi-lhe: «Assim viva *eu!* (1)
Que em tribunais nunca estou,
Nem é esse ofício meu;
Nem mais tempo se me *deu* (1)
Para chegar onde vou.»

Ele então: «Certo não sei
O que faça, e estou perplexo
Em qual destas perderei,
Se a demanda, se a vós deixo.»
Digo: «A mim.» «Tal não farei»:
Me tornou; e deu a andar.
E eu, vencido em tais penas,
O sigo com me calar.
«Em que estado, e em que lugar»,
Diz ele, «estais com Mecenas?»

«É valeroso e prudente,
Sobretudo venturoso,
E de pouca e alta gente.»
«Também vós fôreis ditoso
Com este homem tal presente.
Fora-vos lá ajudador
Grande; e, em que nas valias
Vos ficara inferior,
Tivéreis lugar melhor
Que todos, sem mãos vazias.»

(1) As palavras em itálico são conjectura de J. Inácio de Freitas. O ms. encontra-se, neste passo, destruído.

«Não vivemos lá dessa arte»,
Lhe repliquei, «nem por modos
Tão baixos em toda a parte.
O seu lugar têm lá todos;
Com todos bem se reparte.
Ser mais douto, rico ou pobre,
Não tira o preço a ninguém:
Com seu bem cada um se cobre.
Ser virtuoso é ser nobre;
Só o bem ali é bem.»

«Muito me contaís!» «É assi»,
Digo, «se crer-mo quereis.»
Diz: «De ter-me ao pé de si
Mais vontade me acendeis;
Mas valha-me a vossa aqui.
Vossa bondade e valia,
Se tamanho bem me alcança,
Lá convosco eu serviria:
Que perca um dia e outro dia,
Não perco disto a esperança.

Que isto difícil pareça,
Logo nos passos primeiros,
Diligência não faleça;
Com ela, e peitar porteiros,
Eu farei que entrar mereça.
Porfiarei, irei, virei;
Petição mal respondida,
Ora aqui, ora ali darei;
Que, sem trabalho, já sei,
Nada se alcança na vida.»

Isto tão públicamente
Falando ele assim comigo,
Eis que Deus me traz presente
Fusco Arístio, meu amigo,
Que é também seu conhecente.

Saudando-nos e falando,
Como se dos Céus chegasse,
Alegremente o abraçando
O estava eu, e acenando
Que da prisão me livrasse.

Ele, com graça pesada,
Dissimulava e sorria,
Tendo-me a cólera alçada.
Disse-lhe eu se então queria
Dar-me a palavra apartada.
Respondeu: «Alebrado estou,
Temos que falar; mas ora
Pera deter-me não vou:
É sábado; e a lua agora
A trinta dias chegou.

Quereis vós também guardar
Festas dos Judeus fanados?»
«Não sei mal ceremoniar»,
Disse eu, «com tais enganados.»
Diz: «E eu sim, por me curar
De mil indisposições;
Como eu ando mal disposto,
Sem tomar, nem dar razões,
As judaicas devações
Guardar quero até sol posto.»

Com este importuno só
Me deixa o travesso, e foge,
Ficando eu preso na ichó.
Negro sol me nasceu hoje,
E triste pera mim só!
Estando nesta opressão,
O imigo ali parecia
Deste importuno truão;
E com a língua e coa mão
O avexava e maldizia.

Mas eu, com mais paciência
Que eles, baixava a cabeça;
Bradavam em competência;
E cum clamor, que não cessa,
Dão consigo na audiência.
Deste já desapresado,
Quase morto me consolo,
Mas inda atemorizado
De trabalho tão cansado:
Assim me livrou Apoio.

APÊNDICE DOCUMENTAL

I[1]

& o dito Andre falcã dise q p¹⁰ Juram^{to} dos avãgelhos declarava q ele ouvyra nesta Vnyversidade tres Cursos Jmt^{ros} .*scilicet*, hü de Jnstituta q ouvyo dât^o vaz castelo & de cosme frz / & q os dous dos canones ouvyo de navaRo / & de morgovejo / & bertolameo felipe / & belchior cornejo / & q afora estes tres Cursos Jnt^{ros} esteue desde out^{ro} ate Jan^{ro} doutro Ano porê q hos tres Cursos forã Jmt^{ros} & q lhe parece q erã de corêta oyto p diãte / & tãbem lhe parece q seria o de corêta sete / & se lêbra q no dito tpo fez seu exame pmiado bras fragoso devo^{ra} / & se fez d^{tor} belchior cornejo / & q isto era asy verdade Ant^o da Silua ho spr/vj & o s^{or} Reytor lhe mãdou tomar asy esta prova p ser tã antyga

Andre falcaÕ

(*Autos e Graus e Provas de cursos de 1565-1568 — tom. 8 — livro 2.º fis. 63 r. e verso*)

II

Andre falcã devora

provou andre falcã p huã certedã do d^{tor} Jorge seRã Reytor da Vnyversjdade devora q tomara o dito andre falcã o grão de bacharell ã artes na dita Vnyversidade do Curso do m^{te} m^{el} de seq^{ra} / & el Rey noso sor mãda p sua provisã q lhe seja levado hüu curso dartes p Curso de deredej^{to} nesta Vnyversidade sã ãbargo de Cursar ã evora / & jsto p Jmformacã q teue do sor Reytor ayres da Silua q lhe admetjo A dita provisã & mãda fazer este asêto & pasarlhe disto certjdã oje xxx dabrill de 1567 ant^o da Silua ho spr/vj

Silua

{*Autos e Graus e Provas de Cursos de 1565-1568 — tom. 8 — livro 2.º fis. 69 r. e verso*}

III

Amdre fallcã devora

provou Andre fallcã q cursara nesta Vnyversidade desde treze de dez^{ro} de 66 ate 4 de Junho de 67 ouvydo as tres lycoes grãdes de canones — *scilicet*, pr/ma vespora decreto forã ts^a Jm^o RõTz botelho / & mauricio da costa q ho Jurarã asy ant^o da Silua ho spr/vi

Jr^{m^o} Ruiz botelho

Mauricio da costa

{*Autos e Graus e Provas de Cursos de 1565-1568 — tom. 8 — livro 2.º fl. 77 verso*}

(1) A primeira parte deste documento vem transcrita na página 103. Os documentos I a XII foram copiados pelo zeloso funcionário do Arquivo da Universidade de Coimbra, Sr. Guilherme Bernardino.

IV Andre falca devora

provou o sobredito q cursara do prim^{ro} de Junho de 67 ate xix de Julho seg^{te} ouvyr
as lycoes q neste tpo ouve he os hachares foy disto t^a d^o fr^{co} de lyma/ & R^o coelho
prova ate todo Julho q ho Jurarã aos avãgelhos ant^o da Silua ho spnvj & fr^{co} vaz
lhe prova todo Julho
dom fr^{co} de Lima

Roderigo Coelho

ffr^{co} vaz pachequo

*CAutos e Graus e Provas de Cursos de 1565-1568 — tom. 8
livro 3.º fl. 67). —*

V Andre fallcã devora

provou o sobredito Cursar de xiiij^o de dez^{ro} de 67 ate xiiiiij^o de Junho de 68 seis meses
as lycoes de pnma vespora de canones forã ts^a luis dalmada he Andre davelar q
ho Jurarã asy ant^o da Silua ho spr/vj & esteuã nunes estaco lhe pro va de 15 de Junho
ate 25 de Julho os hachares & o prova tãbem m^{el} Vaz
Esteuaõ nüz estaco

Andre dauelar

Luis dalmada

Manoel Vaz

*(Autos e Graus e Provas de Cursos de 1565-1568 — tom. 8
— livro 3.º fl. 87 verso).*

VI CÕclusoes de Andre falcã devora

Aos xxbij dias de majo de 1569 anos sesta fr^a p^{la} manhã teue andre falcã devora as
cõclusoes do 5º ano foi seu presídete o d^{tor} ayres gomez de saa

*CAutos e Graus e Provas de Cursos de 1568 a 1570 — tom. 9
— livro 1.º fl. 84).*

VII Andre fallcã devora

provou o sobredito do tpo q esta matriculado q foy a 29 de nov^{ro} ate sete de Julho
de 69 as lycoes grãdes de leys se Jmterpolacã forã ts^a disto L^{co} frz he p^o frz q ho
Jurarã asy oje sete de Julho de 1569 ant^o da Silua ho sprivi & provou q dos xxix
de nov^{ro} ate fim de dez^{ro} cursar ã canones as lycoes grãdes

L^{co} Frz

*(Autos e Graus e Provas de Cursos de 1568-1570 — tom. 9
— livro 1.º fl. 104 verso).*

VIII Exame de br e canones a Andre falcã devora

Aos XX dias de Julho de 1569 anos 4^a fr^a a tarde na sala onde se fazê hos Autos p^{cos} desta Vnjversidade estãdo presente o m^{to} Jlustre sôr ayres da Silua Reytor delia & o sor d^{tor} luis de crasto pacheco lête da cadr^a de bespora de canones padrinho & os sôres doutores Juristas lêtes e sua presença leo andre falcã naturall devora sua ljcã de pôto q lhe fora asjnada otem p^{to} sor Rejtor p^a 1er oje das tres oras p diãte Jn cap^o/ ut super de Rebus eclesie/ ão (*juma linha em branco*) & depois de 1er o tpo ordenado p^{tos} estatutos lhe argumêtarã os cõdecipulos & doutores p^a yso eleytos acabados hos argmêtos eles sores votarã p AA e RR p^a ver se ho aprovariã p^a bacharei e canones he foj p todos aprovado/ nemyne discrepãte ant^o da Silua ho sprivi
Luis de Castro Pacheco O D. M^{el} Soares

E logo o dito d^{tor} deo o grao de br e canones autoritate ap^{ca} as 4 oras da tarde forã ts^a os doutores M^{el} Soares Luis coRea/ ant^o vaz & outros he lhe dej o juram^{to} acos-
turnado ant^o da Silua ho sp rivi

{Autos e Graus e Provas de curso de 1568-1570 — tom. 9
— livro 1.º fl. 111}.

IX Andre Falcã devora

provou o sobredito Cursar de dezoyto de dez^{to} de 69 ate o deradr^o de Junho de setenta/ tyrãdo neste tpõ todo o mes de majo q foj Ausente as lycoes de pr/ma vespora de leys/ foj disto t^a luis p^{ra}/ & R^o de sãde lhe prova ate o fim de m^{co} som^{te} as ditas lycoes & o Jurarã asy ant^o da Silua ho sp rivi & fr^{co} de lãdrobe lhe prova abrill Junho & Julho as ditas lycoes & o sebastiã de valadares lhe prova o mes de Julho
fr^{co} de landrobe

bastião de Valladares Luis pereyra Ruj de Sande

{Autos e Graus e Provas de curso de 1570-1573 — tom. 10
— livro 1.º fl. 48}.

X formatura dandre falcã devora

Aos xix dias de nov^{to} de 1570 Anos e coynbra na casa dos Autos p^{cos} desta Vny-
versidade estãdo presête o sôr dom J^m de meneses Reytor & o sôr doutor luis de
crasto pacheco lête da cadr^a de bespora de canones padrinho & os sores d^{tes} Juristas
lêtes e sua preseca sustentou o br andre falcã naturall devora as cõclusoes do 8^o ano
nas quoaes lhe argumêtarã os cõdecipulos & d^{tes} p^a jso eleytos acabados hos argmêtos
eles sores doutores votarã p AA e RR p^a ver se ho aprovariã p^a vsar de suas
letras p ter o tpo dos oyto Anos acabado seg^{do} forma dos estatutos & foj p todos
aprovado nemyne discrepãte & forã oyto os q votarã ant^o da Silua ho sp rivi

Dom geronymo de Mñs

Castro

{Autos e Graus e Provas de Cursos de 1570-1573 — tom. 10
— livro 1.º fis. 48 verso}.

XI

Andre falcã devora

provou o sobredito Cursar todo mes de Julho de seteta os bachares forã ts^a paulo
de macelos & ffr^{c0} de lãdrobe q ho Jurarã asy ant^o da Silua ho spr/vj
fr^{c0} de landrobe paulo demancellos

*CAutos e Graus e Provas de Cursos de 1570-1573 — tom. 10
— livro 1.º fl. 51 verso).*

XII

Andre falcã deResende

provou o sobredito Residir desde out^o de 70 ate oJe xiiij⁰ de fevr^{r0} de 71 tyrãdo
neste tpo huu mes & ouvyndo neste tpo as lycoes foj disto t^a do fr^{c0} de lyma & luis
perey^{ra} q ho Jurarã asy ant^o da Silua ho sprivi

luis perejra

Dõ fr^{c0} de lyma

*{Autos e Graus e Provas de Cursos de 1570-1573 — tom. 10
— livro 1.º fl. 63 verso).*

XIII

Vedor de minha fazenda amjgo ey por bẽ que o licenciado Andre fallcão de Resende juiz de fora da villa de torres vedras tenha e aja de mantimẽto e apouse-taria cõ o dito officio pera sj e seus homes equanto o servir cincoõeta e ojto mil seis-centos e quarenta rs. — scilicet — corenta mil rs. para seu mantimẽto e doze mil rs pera mâtimento de dous homẽs que o hã de companhar e cõ elle servir nas cousas de II fol. 297 v. Justiça a Rezã de quinhentos rs por mez a cada hü e seis mil seis-centos e corenta rs pera sua apouentarja de casas e camas que tudo he outro tanto como tinha cõ dito offiçio a custa da Iffante dona maria, minha tia que santa gloria aja sendo ela uiua, pello que vos mando que lhe façais assentar os ditos cincoõeta e ojto mil seiscentos e corenta rs no Liuro de minha fazenda e de noue dias do mez de outubro deste anno presente de bc lxxbjj ã que a Iffante faleceo ã diante Nos despacheis e façais pagar no allmoxarifado da villa dalanquer cõ certidão dos vereadores da dita villa de torres vedras de como serve o dito offiçio cõ os ditos dous homẽs e o que se môtar dos ditos noue dias doutubro ate fim deste mes de dezembro lhe fareis pagar no dito allmoxarifado posto que não fose na folha do asẽtamẽto sã embargo do Regimẽto ã contrario pedro da costa o fez ã lxxbo a xj de dezembro de ybclxxbjj Jorge da costa o fez escreuer

concertada pedro castanho

concertada
Antonio daguiar

*{Arq..º Nac. da Torre do Tombo, Chancelaria de D. Sebastião,
L.º de Doações..., n.º 40 f. 297 r.º e v.º).*

XIV (1)

Eu el Rey faço saber Aos que este aluara vjrem que auendo respeito a mujta ydade e jndesposição e calidade de Andre falcão de Resende que foj juiz de fora da uilla de torres uedras Ej por bem de o aposentar com quorêta mil reais de teça cadanno em sua uida os quaes comecara a uencer, de dezasete dias do mes de outr.º, deste anno presête de quinhêtos nouêta e simquo em diante e polio que mãoo aos ueedores de minha fazenda que lhos facão assentar no Liuro delia e do dito tempo em diamte leuar cada anno nas folhas do assemtamento em parte onde lhe sejão bem pagos. E este ej per bem que ualha Etc. na forma francisco moutinho o fez em lixboa a ojto de nouembro de mil e quinhêtos e nouêta e simquo Sebastião perestrello o fez escreuer

concertado
pedro castanho

côcertado
francisco cardoso

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Chancelaria de D. Filipe II, Livro de Doações..., n.º 2, f. 84)



(1) Este documento e o anterior foram-me comunicados pelo Sr. Dr. Mário Alberto Nunes Costa a quem reconhecidamente agradeço.